

O “ACONTECIMENTO” E O DISCURSO LITERÁRIO DO SÉCULO XX

Francisco Elias Simão MERÇON¹

- RESUMO: Central na obra de Claude Zilberberg, o conceito de “acontecimento” tem um papel inegável nos estudos semióticos, uma vez que anima as discussões sobre a possibilidade de investigação num universo de sentido ainda pouco explorado (o da afetividade), especialmente se o compararmos com os estudos da narratividade de herança proppiana. Um ponto importante que a investigação sobre o acontecimento traz para os estudos semióticos é a possibilidade de traduzir as operações discursivas de determinados textos, em termos de regimes discursivos do **fato** ou do **acontecimento**, a partir do reconhecimento de duas lógicas operantes distintas, respectivamente a **implicativa** e a **concessiva**. Este artigo faz parte de uma investigação maior que procura depreender e descrever as operações discursivas de algumas obras representativas do discurso literário do século XX, nas quais o “acontecimento” parece exercer um papel significativo. A título de ilustração das reflexões desenvolvidas no presente texto, serão abordadas obras de autores como Jean-Paul Sartre, Franz Kafka, Dino Buzzati e Samuel Beckett.
- PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento. Fato. Lógica concessiva. Lógica implicativa. Semiótica literária.

Introdução

No momento em que a astrofísica se centraliza novamente na história do cosmos e no acontecimento que o fundamenta, agora em que, todas as isotopias confundidas, a novidade torna-se o valor para servir e desservir, seria incompreensível que a semiótica continuasse a agir como se o acontecimento não existisse.

Claude Zilberberg (2007, p.16).

É comum a crença de que, no desenvolvimento de uma ciência, deve existir uma racionalidade profunda, subjacente a transformações de superfície e marcada por traços de linearidade e continuidade que assegurem, assim, sua identidade. Mas a investigação arqueológica no terreno de uma dada ciência revela que, em sua história, são as descontinuidades suas características mais fundamentais,

¹ USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Linguística - São Paulo – SP – Brasil. 05422-103 – franciscomercon@gmail.com.

podendo ter, em suas vizinhanças epistêmicas, formações discursivas distintas². Nesse caso, a ciência é vista como um **discurso da ciência** e, longe de uma idealidade pura, teria parte de sua história escrita sob a pena de outras ordens, por exemplo, da ordem econômica, biológica, ética, técnica, política, social etc. Nada mais marcante, portanto, para uma ciência como a semiótica – que fez parte da corrente de pensamento estruturalista, acusada erroneamente de imobilidade pelo adágio “as estruturas não descem para a rua”³ –, do que introduzir em suas bases epistemológicas a noção de “acontecimento”.

Na obra do semioticista francês Claude Zilberberg, podemos acompanhar os diferentes modos de presença do conceito “acontecimento” (em francês, “*événement*”) a partir de três publicações recentes, o que nos revela o grau crescente de importância que o semioticista dá ao conceito: primeiro, ele aparece, no subtítulo do artigo intitulado *Précis de grammaire tensive* (ZILBERBERG, 2002, p.111-143), como “*Pour une sémiotique de l'événement*”. Depois, adquire maior extensão ao figurar como capítulo do livro *Eléments de grammaire tensive* (ZILBERBERG, 2006a), com o título “*Centralité de l'événement*”. Por fim, surge como título de artigo em “*Pour saluer l'événement*” (ZILBERBERG, 2008). Se a tendência que assinalamos estiver correta, teria o próximo livro de Zilberberg, em seu título, a palavra “acontecimento”? Em todo caso, é assim que o acontecimento chega à semiótica francesa, apresentando uma crescente gradação extensiva (parte de artigo – parte de livro – totalidade de artigo⁴) em relação conversa com a intensidade crescente, como podemos constatar nos respectivos títulos, por meio de sintagmas cuja natureza semântica é marcada por um incremento de tonicidade: “*Pour une...*” (expressão típica dos manifestos), “*Centralité...*” e “*Pour saluer...*”⁵.

As consequências da presença do “acontecimento” nos estudos semióticos ainda são incalculáveis. Trata-se de um conceito que precisa ser amplamente testado em sua fecundidade analítica para comprovar sua operacionalidade e sua

² Por exemplo, nesse sentido, podemos acompanhar, desde o século XIX, a crescente aproximação das ciências humanas com a matemática (FOUCAULT, 2000), quando a formalização do pensamento se torna assim um procedimento recorrente na tentativa de dar maior cientificidade às ciências do homem, embora, como ressalta Foucault (2000, p.483) seja “[...] pouco provável que a relação com as matemáticas [...] seja constitutiva das ciências humanas na sua positividade singular.”

³ Para uma melhor compreensão das críticas feitas ao estruturalismo, especialmente durante o maio de 68 na França, ver “As estruturas não descem para a rua” (DOSSE, 2007, p.151-152).

⁴ Nota-se que as articulações sêmicas aqui em consideração são: **gênero discursivo mais extenso** (livro científico) *versus* **gênero discursivo menos extenso** (artigo científico) e **parte** (de uma obra) *versus* **totalidade** (de uma obra).

⁵ Apenas a título de curiosidade, para completar a semiotização das ocorrências da noção de “acontecimento” na obra de Zilberberg, estas parecem conter em si uma cifra crescente de aceleração, que pode ser constatada a partir da série decrescente dos anos de publicação das obras: 2002, 2006 e 2008. Se a evolução da série se cumprir (4 anos, 2 anos), teremos, em breve (em 2009, próximo termo previsto pela série), no mercado, uma nova obra do autor.

permanência. Mas parece que não seríamos levianos ao ressaltar que a noção de acontecimento tem uma singularidade inegável: ela abre uma possibilidade de investigação num universo de sentido ainda pouco explorado, se o compararmos, por exemplo, com os estudos da narratividade de herança proppiana e mesmo com o modelo consagrado como percurso gerativo de sentido. Ao contrário das relações lógicas – comuns às operações intelectivas e previstas pelo modelo em seus diferentes estratos – a noção de acontecimento teria, então, a função de preencher uma parcela de ordem mais sensorial e, especialmente, afetiva da significação em seu momento original. Assim, a nosso ver, o sentido, em Zilberberg, parece ser privilegiado não tanto em termos de geração, mas em termos de um epicentro que foi palco de um acontecimento.

Fato e acontecimento em A náusea, de Sartre

Em suas publicações, Zilberberg normalmente introduz a noção de acontecimento numa relação de oposição a termos como “fato”, “estado”, “funcionamento” e “exercício”. Dessas oposições, destacaremos uma que merece nossa atenção: acontecimento *versus* fato.

A primazia da complexidade sobre a simplicidade nos leva a ver as figuras do acontecimento e do fato como resultantes de arranjos específicos das valências tensivas (intensidade e extensidade) e de suas respectivas subvalências (tonicidade e andamento; temporalidade e espacialidade):

[...] o fato tem como correlato intenso o *acontecimento*, ou, o que equivale dizer: o fato é o resultado do enfraquecimento das valências paroxísticas de andamento e de tonicidade que são as marcas do acontecimento. Em outras palavras, o acontecimento é o correlato hiperbólico do fato, do mesmo modo que o fato se inscreve como o diminutivo do acontecimento. Este último é raro, tão raro quanto importante, pois aquele que afirma sua importância eminente do ponto de vista intensivo afirma, de forma tácita ou explícita, sua unicidade do ponto de vista extensivo, ao passo que o fato é numeroso. (ZILBERBERG, 2007, p.16, grifo do autor).

Vê-se que a carga tímica sofre uma variação quantitativa: **enfraquecida** no fato (“enfraquecimento das valências [...] de andamento e de tonicidade”), **acentuada** no acontecimento (“eminente do ponto de vista intensivo”). Quanto à extensidade, o acontecimento é da ordem do **raro** (“unicidade do ponto de vista extensivo”); e o fato, do **numeroso**. Numa situação limite de diminuição excessiva da carga tímica, temos ainda a “[...] desolação, o tédio completo em que o mundo mergulharia se os acontecimentos e os fatos desertassem.” (ZILBERBERG, 2007, p.16).

Essa variação da cifra tensiva em ambos os fenômenos (**fato** e **acontecimento**) vai desencadear duas orientações discursivas prototípicas, a saber, a do **discurso do exercício** e a do **discurso do acontecimento**, que serão, obviamente, problematizadas de diversas maneiras pelos mais variados textos.

Vejamos agora como essas questões se apresentam no romance *A náusea*, de Sartre (2006). O personagem Roquentin faz o seguinte registro na abertura de seu diário:

O melhor seria anotar os acontecimentos [as ocorrências] dia a dia⁶. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo classificá-los. É preciso que diga como vejo esta mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi isso que mudou. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza desta mudança. (SARTRE, 2006, p.11).

O mundo ao redor de Roquentin é um mundo sem sentido. As ocorrências diárias, os “pequenos fatos” não são percebidos “com clareza”, escapam-se “as nuances” da vida cotidiana, enfim, não se percebe o devir, o fluxo ininterrupto das coisas que o cercam (“esta mesa”, “a rua”, “as pessoas”, “meu pacote de fumo”). De fato, um mundo em que não se percebem as diferenças é um mundo sem sentido cuja extensão não pode ser determinada; trata-se, portanto, de um mundo inclassificável. A contraparte **subjetal** e **afetiva** desse mundo “insignificante” (desprovido de intensidade) é Roquentin, um sujeito entediado cujo estado de alma é comum a quem vive num mundo, por sua vez, marcado pela desolação.

O trecho acima revela uma série de programas narrativos que o sujeito Roquentin tem de realizar com vistas a recuperar o mínimo de carga tímica nas ocorrências diárias “para que possam ser percebidas com clareza”. O estado de desolação do mundo ao seu redor faz com que os fatos não o afetem sequer minimamente para serem considerados fatos (por isso, a expressão “pequenos fatos”⁷). Mas Roquentin parece saber o gesto para conter esse estado limite de desolação: “O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza.” (SARTRE, 2006, p.11).

Um olhar mais cuidadoso nessa configuração *événementielle* que o trecho de Sartre apresenta nos faria reconhecer os “fatos” e os “pequenos fatos”, bem como a noção de “acontecimento”, abordada por Zilberberg (2007), como se esses fossem grandezas instaladas no campo de presença do sujeito. A maneira, por

⁶ É preciso ressaltar que o termo “acontecimentos” é, nessa frase, empregado pelo narrador no sentido de “ocorrências”, de “fatos” corriqueiros.

⁷ É importante, aqui, entender a expressão “pequenos fatos” como fatos de pouca importância ou, em termos semióticos, de muito pouca intensidade.

sua vez, como essas grandezas se instalam no campo de presença é chamada por Zilberberg (2007, p.17) – que retoma um termo de Cassirer (1988) – de “modos de eficiência”. A ideia, aqui, é a de que esses modos de eficiência vão determinar as ações dos sujeitos. Assim, quando sob o controle do sujeito, a entrada de uma grandeza no campo de presença não apresentaria forte penetração afetiva no sujeito, que poderia seguir seu curso realizando seus programas narrativos, ainda que estes fossem, por vezes, temporariamente interrompidos por contraprogramas ou antissujeitos. Em *A náusea*, de Sartre, é como se Roquentin quisesse reparar o estado de tédio sem que isso lhe comprometesse a situação de sujeito que se encontra “[...] instalado na ordem racional, programada e compartilhada do conseguir, [quando é] senhor de suas esperas sucessivas [...]” (ZILBERBERG, 2006b, p.198).

Percebe-se, assim, que a expectativa de Roquentin é que sua experiência com o mundo não o retire de uma **ontologia regional dos fatos**, em meio aos quais ele pode, na condição de sujeito, circular livremente. Sem muitas pretensões, ele busca transformar os “pequenos fatos” em simplesmente “fatos” (e nada mais que isso), o suficiente para que possam ser “percebidos com clareza”, vistos em suas “nuanças” “e sobretudo [ser] classific[ados].” (SARTRE, 2006, p.11).

Mas, com o passar do tempo, opera-se uma transformação perturbadora na relação de Roquentin com o mundo: os objetos começam a adquirir certa pregnância e invadem o campo de presença de Roquentin, retirando-lhe o “[...] controle e o domínio da duração [e da espacialidade], [...] [e a possibilidade] de comandar o tempo [e o espaço] ao seu bel-prazer.” (ZILBERBERG, 2006b, p.9):

Os objetos não deveriam tocar, já que não vivem. Utilizamo-los, colocamo-los em seus lugares, vivemos no meio deles: são úteis e nada mais. E a mim eles tocam – é insuportável. Tenho medo de entrar em contato com eles exatamente como se fossem animais vivos. [...] junto ao mar, quando segurava aquela pedra. Era uma espécie de enjoo adocicado. Como era desagradável! E isso vinha da pedra, tenho certeza, passava da pedra para as minhas mãos. Sim, é isso, é exatamente isso: uma espécie de náusea nas mãos. (SARTRE, 2006, p.23).

A pregnância do inesperado é sempre desestabilizadora, pois que sua lógica é da ordem da concessão: embora sejam coisas mortas – e, por isso, não deveriam tocar –, os objetos tocam “como se fossem animais vivos”, daí a sensação de náusea em Roquentin (SARTRE, 2006, p.23). De acordo com a terminologia de Zilberberg (2007), diríamos que o modo de eficiência que aí se opera é da ordem do sobrevir⁸.

⁸ “Se a grandeza se instala sem nenhuma espera, denegando ex abrupto as antecipações da razão, os cálculos minuciosos do sujeito, teremos a modalidade do sobrevir.” (ZILBERBERG, 2007, p.18, grifo do autor).

Ainda que não se trate propriamente do acontecimento limite explorado por Zilberberg (2007) (ou seja, um acontecimento no seu grau máximo), esse fenômeno, em *A náusea*, que transborda a dimensão do fato e que perturba Roquentin, parece fazer parte do regime do acontecimento (ou o que preferimos chamar de “ontologia regional do acontecimento”), pois que faz participar elementos sensoriais e afetivos – de modo imprevisível e prenhe – no campo de presença do sujeito perceptivo. As posições actanciais de sujeito e objeto se confundem, de modo que o sujeito que toca é também tocado.

A sintaxe do acontecimento em A metamorfose, de Franz Kafka

Uma obra que opera no âmbito da ontologia regional do acontecimento e explora a noção em seu grau limite é a novela *A metamorfose*, de Franz Kafka (1997), que conta a história do caixeiro-viajante Gregor Samsa, transformado, de modo inesperado, num “inseto monstruoso”, e de sua família, que passa a ter de conviver com a presença de um ser estranho dentro de casa. O acontecimento da metamorfose é introduzido já nas três primeiras linhas da novela: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” (KAFKA, 1997, p.7).

A metamorfose de Gregor surge na vida dos Samsa como um acontecimento que irrompe em meio a um cotidiano – assim como em *A náusea*, de Sartre – marcado pela desolação, pelo marasmo, pelo enfraquecimento da carga tímica, tanto na relação sujeito/objeto (“profissão cansativa”, “cansativa de viajar”) como nas relações intersubjetivas (“convívio humano que [...] nunca se torna caloroso”). É o que podemos constatar nas reflexões de Gregor, enquanto ele ainda se encontra na cama:

– Ah, meu Deus! – pensou. – Que profissão cansativa eu escolhi. Entra dia, sai dia – viajando. [...] me é imposta essa cansativa de viajar, [...] um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. (KAFKA, 1997, p.8).

É nesse universo de excessivo entorpecimento, sem qualquer expectativa de algo novo, que irrompe a metamorfose de Gregor. Não há nada na história – tanto no nível do enunciado quanto no da enunciação – que seja semelhante a uma previsibilidade ou explicação para a transformação de Gregor num inseto. Ela irrompe no cotidiano dos Samsa contra todas as expectativas. O caráter extraordinário de tal metamorfose e sua tonicidade – vale lembrar que se trata de um “inseto monstruoso” – em contraste com o caráter ordinário e monótono do cotidiano dos Samsa revela a sintaxe tensiva subjacente a esse fenômeno.

Pensar em termos sintáxicos é levar em conta a forma de uma grandeza e sua posição na cadeia. É assim que Zilberberg (2007) é levado a fazer as seguintes considerações sintáticas do acontecimento, que serão elucidativas para compreendermos a situação de Gregor depois da metamorfose:

O acontecimento é, portanto, essa grandeza estranha, por assim dizer, extra-paradigmática, ou melhor, essa grandeza se manifesta a princípio no plano sintagmático por uma antecipação e, desse mesmo fato, espera sua identidade paradigmática. A fórmula do acontecimento comporia assim uma antecipação sintagmática e um retardamento paradigmático. O acontecimento rompe o ajuste sintagmático comum do sintagmático e do paradigmático. (ZILBERBERG, 2007, p.18-19).

É exatamente nessa zona de sentido, de limites pouco precisos, que se encontra Gregor depois da transformação. A metamorfose é algo que chegou de modo inesperado (como a “antecipação sintagmática” de uma grandeza, marcada pela tonicidade) e que “espera sua identidade paradigmática” (ou Gregor, ou inseto). A partir daí é fácil deduzir que essa imprecisão é que torna a presença de Gregor embaraçosa dentro de casa, pois a família não sabe qual decisão tomar com relação ao seu destino (se inseto, então para fora de casa; se ainda Gregor, então faz parte da família)⁹.

Mas, no final da novela, opera-se a completa transformação da identidade de Gregor, quando ele começa a ser apreendido pela família não mais como Gregor, mas como um ser ameaçador que “vai matar a ambos [pai e mãe].” (KAFKA, 1997, p.75). E somente com o transcorrer do tempo e o afastamento espacial é que foi desfeita a incerteza quanto à identidade paradigmática dessa grandeza estranha que se tornara Gregor com a metamorfose. Assim, a transformação figurativa é percebida pela família Samsa (sobretudo por Grete, a irmã de Gregor) como transformação atorial (Gregor é um “monstro”) e actancial – Gregor é o antissujeito que “vai matar a ambos [pai e mãe].” – da grandeza que até então tinha limites pouco precisos.

Vejam os trechos em que a ambiguidade da percepção da grandeza é desfeita, prevalecendo, a partir daí, não mais a percepção, mas o juízo e, conseqüentemente, a sanção negativa aplicada contra Gregor. Vê-se que, nesse momento, a metamorfose passa da condição de acontecimento e se torna um fato, do qual se pode falar e, sobretudo, fazer julgamentos: “– Queridos pais – disse a irmã – Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro [...] precisamos tentar nos livrar dele.” (KAFKA, 1997, p.74); “ – Precisamos tentar nos livrar *disso* – Isso ainda vai matar a ambos [...] não é possível suportar em

⁹ Se considerarmos o cotidiano como uma cadeia sintagmática, a questão da família Samsa, com relação a Gregor, seria: “A que paradigma pertence este ser estranho?”

casa esse eterno tormento.” (KAFKA, 1997, p.75, grifo do autor); “É preciso que isso vá para fora [...] é o único meio, pai. Você simplesmente precisa se livrar do pensamento de que é Gregor. Nossa verdadeira infelicidade é termos acreditado nisso até agora.” (KAFKA, 1997, p.75-76).

A novela de Kafka (1997) parece, com isso, ser um caso exemplar em que os dois regimes discursivos de que fala Zilberberg (2007) (o regime do fato e o regime do acontecimento) ora se confundem, ora se distinguem em proveito de um ou outro regime. Vale a pena, ainda, ressaltar que cada um dos regimes elege sua narrativa correspondente. Enquanto no regime do acontecimento prevalecem as forças tensivas, visto o impacto de o acontecimento deixar o sujeito “petrificado, sem poder sair do lugar” (ZILBERBERG, 2006b, p.20), o regime do fato permite que o sujeito retome suas ações ordinárias e restabeleça seu domínio sobre o tempo e o espaço¹⁰.

Esses exemplos de Kafka e Sartre são apenas alguns dos muitos casos em que o acontecimento, na literatura moderna, adquire papel de extrema relevância no desenrolar da trama, para não dizer central. Há ainda aquelas narrativas em que o acontecimento é virtualizado e, por isso, vivenciado apenas na forma da expectativa daquele que vive num ambiente marcado pela monotonia. É esse o caso, por exemplo, de *O deserto dos tártaros*, de Dino Buzzati (2005), que conta a história de Drogo, jovem tenente que passa a vida num forte (Forte Bastiani), junto com outros militares, à espera de uma suposta invasão dos tártaros. No entanto esse esperado acontecimento nunca ocorre; e, com isso, muda o quadro da trama do romance: as consequências da expectativa não atendida fornecem a essa ausência um incremento de tonicidade limite, de modo que as coisas mais banais do cotidiano do Forte (como o luzir das estrelas, ao longe, no horizonte, animais que se movimentam ao redor do Forte durante a noite etc.) passam a irromper como acontecimentos que assombram a vida dos militares, trazendo consequências irreversíveis para eles.

Uma obra, em certo sentido semelhante a essa história de Buzzati, é a peça *Esperando Godot*, de Samuel Beckett (2005). Nela, também, há uma crescente expectativa que é criada pela ausência, em palco, do personagem principal (Godot), que só faz intensificar o acontecimento de sua chegada que, no entanto, nunca ocorre.

Essas ocorrências substanciais do acontecimento em obras literárias de grande representatividade reforçam ainda mais a necessidade de nossa investigação. Creio, também, em que um melhor entendimento do funcionamento

¹⁰ Este último caso fica bastante evidente no final da novela: quando não havia mais a presença de Gregor no ambiente familiar, a família retoma seu cotidiano, elaborando planos para futuras realizações (“perspectivas do futuro”) de programas narrativos, como “mudança de casa”, “um apartamento menor e mais barato, mas mais bem situado”, “procurar um bom marido para [Grete]”. (KAFKA, 1997, p.84).

desse fenômeno – em toda a sua complexidade – seria de grande contribuição para a compreensão das disposições passionais dos personagens, uma vez que o acontecimento instaura forças tensivas (por exemplo, de atração ou de repulsão), passíveis de serem analisadas, antes mesmo de se configurarem como paixões (estas, menos profundas) e ações.

Crítica dos conceitos

O percurso de geração do sentido, tal como concebido pela semiótica greimasiana, tem como nível mais fundamental o lugar de articulação de semas cuja generalidade possibilita a compreensão do universo semântico dos discursos em termos bastante simples. Assim, se tomarmos um universo discursivo delimitado, como o das narrativas míticas, folclóricas, veremos que as categorias “**natureza versus cultura**” e “**vida versus morte**” são as grandes motivadoras das relações que dão significação a determinado texto em seu nível mais profundo. A natureza conceitual dessas categorias e as relações lógicas (de contradição, implicação e contrariedade) que articulam os termos da categoria no quadrado semiótico revelam respectivamente sua origem intelectual e implicativa. O mesmo pode ser dito a respeito da noção de valor e das relações de pressuposição lógica que estão na base do esquema narrativo canônico¹¹.

Embora esse sistema de previsibilidades dê conta de um vasto universo discursivo – e que tem mostrado sua fecundidade sobretudo na análise de textos literários –, ele deixa escapar uma parcela mais dinâmica do sentido, frequentemente encontrada em obras, como as que apresentei anteriormente, de autores representativos do discurso literário do século XX¹².

É aí que o acontecimento parece trazer a sua contribuição: ele radicaliza a problematização da instabilidade no processo de significação, ao desfazer por completo a “sintonia comum do sintagmático e do paradigmático.” (ZILBERBERG, 2007, p.19). Esse descompasso somado a seu caráter imprevisível retira do sujeito a possibilidade de realizar a síntese das inúmeras percepções que ele tem do objeto que, por sua vez, transfiguraliza-se¹³ a cada instante. O sujeito fica, então,

¹¹ Sanção, que pressupõe uma ação, que, por sua vez, pressupõe uma manipulação.

¹² Essa falta fica ainda mais evidente quando da investigação de outras semióticas (sobretudo quando se tem o plano de expressão como preponderante no processo de significação), como é o caso, por exemplo, das linguagens musical e pictórica, em que, respectivamente, as nuances de timbre e de tonalidade (variação de sombra e luz) de cor não se ajustam muito bem às oposições categóricas como as que encontramos no quadrado semiótico.

¹³ É importante ressaltar, aqui, que – nessas circunstâncias em que o objeto migra e escapa a todo instante de uma apreensão estável – a mudança que se dá não é da ordem do figurativo, mas se opera num nível que vem sendo chamado por Zilberberg (2006a) de “nível figural”. Por isso o emprego de “transfiguraliza”.

impossibilitado de apreender o objeto em sua forma estável e o faz somente a partir de perspectivas as mais variadas.

Nas palavras de Sémir Badir (2007), o que Zilberberg (2006a) faz é apenas trazer ao processo de significação – impregnado de sintaxe implicativa – a sua contraparte lógico-concessiva de direito:

A uma sintaxe implicativa, é preciso fornecer a contraparte de uma sintaxe *concessiva* [...]. Esta condição é essencial para assegurar à estrutura seu caráter dinâmico e migratório. Por isso o pensamento do *acontecimento* ocupa um lugar central no pensamento de CZ [Claude Zilberberg] [...]. (BADIR, 2007, p.96, tradução nossa, grifo do autor)¹⁴.

A cifra tensiva – com o “[...] duplo *incremento* das sub-dimensões do andamento e da tonicidade [...]” (ZILBERBERG, 2006a, p.143, tradução nossa, grifo do autor)¹⁵ – que subjaz à noção de acontecimento não apenas traz a contraparte concessiva da sintaxe, mas, como nas palavras do próprio Zilberberg (2006a, p.143, tradução nossa), “[...] se traduz para esse sujeito [que vivencia o acontecimento] como por sua ruína modal instantânea [...]”¹⁶ Assim, essa contraparte tensiva de que fala Badir (2007) parece tanto preencher uma lacuna epistemológica da teoria semiótica quanto resolver um problema de análise.

Saussure tinha razão

Talvez tenha sido Saussure (1997, p.65) quem primeiro anteviu a existência dessas articulações tensivas, como podemos notar em “O fonema na cadeia falada”, segundo capítulo do *Curso de linguística geral*, em que o linguista constata haver na cadeia falada o que ele denomina “tensões ou articulações sustentadas”. Saussure (1997) observou que, ao contrário da ocorrência isolada e estável do fonema, a articulação dos fonemas, quando articulados em dois sons combinados, sofre uma coerção imposta pelos limites do nosso aparelho fonológico:

A liberdade de ligar as espécies fonológicas é limitada pela possibilidade de ligar os movimentos articulatorios. [...] um grupo binário implica certo número de elementos mecânicos e acústicos que se condicionam reciprocamente; quando um varia, essa variação tem, sobre os outros,

¹⁴ “À une syntaxe implicative, il faut envisager de donner le pendant d’une syntaxe **concessive** [...]. Cette condition est essentielle pour assurer à la structure son caractère dynamique et migratoire. Aussi la pensée de **l’événement** occupe-t-elle une place centrale dans la pensée de CZ [...]” (BADIR, 2007, p.96, grifo do autor).

¹⁵ “ le double **surcroît** de tempo et de tonicité ” (ZILBERBERG, 2006a, p.143, grifo do autor).

¹⁶ “ se traduit pour le sujet par as dérouté modale instantanée ” (ZILBERBERG, 2006a, p.143).

uma repercussão necessária, que poderá ser calculada. (SAUSSURE, 1997, p.63).

Ora, Saussure fala de algo que podemos sintetizar como cálculo da variação do efeito recíproco dos fonemas, quando articulados num grupo binário. Por uma simples questão de isomorfismo dos planos da linguagem, acreditamos que semelhante fato se dá também no plano do conteúdo da linguagem verbal, com as restrições de sua especificidade, é claro. E parece que é esse o projeto que Zilberberg (2006a) tem seguido com a noção de “gramática tensiva”¹⁷. Poderíamos ainda acrescentar que o fonema seria, então, resultado da abstração desse condicionamento recíproco dos fonemas, quando articulados numa cadeia falada.

A esse respeito, podemos dizer – retomando agora as discussões anteriores – que o que o acontecimento faz é explorar ao máximo essa relação de dependência recíproca tal como Saussure constatou haver na cadeia falada, ou seja, nos sons da voz humana articulados linguisticamente uns em presença e sob a dependência dos outros. E Saussure ainda vai além por não apenas constatar esse fato, mas também defender a ideia de este que pode ser calculado.

Considerações finais

*[...] colocar o objeto escolhido [...] no centro do mundo; quer dizer, no centro de minhas “preocupações”; [...] abrir uma certa alavanca para passar de um lugar a outro no meu espírito, e a pensar nela ingenuamente e com fervor (amor).
Francis Ponge (1997, p.45-46).*

Parece que não é inoportuno ver aqui que a preocupação de Saussure (1997) (o cálculo “tensões ou articulações sustentadas”) se traduz em Zilberberg (2006a) como elementos de gramática tensiva. Também não seria inoportuno dizer que, numa leitura anacrônica da história do pensamento, as reflexões de ambos encontram eco em pensadores de tempos e áreas distintas, ainda que cada um

¹⁷ A esse respeito, Sémir Badir (2007, tradução nossa) assinala a herança hjelmsleviana presente no termo “gramática” – “[...] termo que designa o domínio do conhecimento da morfologia e da sintaxe [...]” –, ressaltando, porém, a sua especificidade em Zilberberg: “A gramática tensiva põe o acento menos sobre as categorias [...] que sobre a *sintaxe discursiva* [...]”. Confira Badir (2007, p.79, grifo do autor): “[...] *le terme désignant le domaine de connaissance de la morphologie et de la syntaxe. [...] La grammaire tensiva met ainsi moins l’accent sur les catégories [...] que sur la **syntaxe discursive**.*”

tenha sua característica e seu problema específicos: em Bachelard (2000), na forma de equacionar a relação entre o racional e o concreto; em Bergson (2006), na unidade da ciência com a metafísica; em Husserl (2006), na inter-relação entre o noético e o noemático (respectivamente consciência que apreende e objeto visado pela consciência); em Merleau-Ponty (1999), com a noção complexa de corpo, que anula a separação clássica entre sujeito e objeto, ao pressupor ao mesmo tempo ambos os termos da relação.

Todos esses autores, na especificidade de cada um, parecem apresentar uma recusa tanto da mera especulação do pensamento quanto do empirismo ingênuo de acesso direto aos dados como método de investigação para se chegar ao conhecimento. Certamente a semiótica não é uma filosofia, pois suas preocupações com o ser não têm caráter ontológico. Mas, em sua tentativa de alargar a parcela da significação que lhe é de direito, ao investigar o “acontecimento”, ela fatalmente se põe em fronteiras com outras disciplinas e áreas do conhecimento. O lado bom disso é que, ao mesmo tempo, ela impõe naturalmente a sua maneira de abordar as questões, sempre se valendo de suas bases epistemológicas (princípio da imanência, da diferença, da dependência etc.), instrumentalizando conceitos para serem aplicados em análises concretas. Os conceitos, no entanto, têm sua maneira própria de resistir a essa instrumentalização. Por isso, o que buscamos aqui, neste trabalho, foi apenas apresentar algumas reflexões, que pudessem se somar a tantas outras, cujo objetivo principal é uma melhor compreensão da pertinência do “acontecimento” no âmbito da semiótica e do discurso literário de século XX.

MERÇON, F. E. “Event” and the literary discourse in the 20th Century. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.2, p.391-404, 2009.

- *ABSTRACT: Crucial to the work of the French semiotician Claude Zilberberg, the concept of “event” plays an important role in semiotics studies, for it fosters debates on the possibility of research of the meaning universe of affection, a meaning realm dully explored, especially when compared with the Proppian-driven narrative studies. The analysis of the concept of “event” opens up to semiotics the possibility of translating the text discourse operations in terms of **fact** or **event**, two distinct discourse regimes, by means of their two distinct logical procedures: the **implicative** logic and the **concessive** logic, respectively. This study is part of a broader investigation that aims to describe discourse operations of some representative literary works of the 20th Century, in which the “event” seems to play a significant role. This paper claims are grounded on the analysis of works by Jean-Paul Sartre, Franz Kafka, Dino Buzzati, and Samuel Beckett.*
- *KEYWORDS: Event. Fact. Concessive logic. Implicative logic. Literary semiotics.*

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. 3.ed. Tradução de Juvenal Hahne Júnior. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BADIR, S. *Claude Zilberberg. Éléments de grammaire tensive. Nouveaux Actes Sémiotiques*, Limoges, 4 out. 2007. Disponível em: <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=1757>>. Acesso em: 18 jul. 2008.

BECKETT, S. *Esperando Godot*. Tradução de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BERGSON, H. *Memória e vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BUZZATI, D. *O deserto dos tártaros*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CASSIRER, E. *La philosophie des formes symboliques*. Paris: Éditions de minuit, 1988. 3v.

DOSSE, F. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Bauru: EDUSC, 2007.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8.ed Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

KAFKA, F. *A metamorfose*. 14.ed. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2.ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PONGE, F. *Métodos*. Apresentação e tradução de Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SARTRE, J. P. *A náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ZILBERBERG, C. Pour saluer l'événement. *Nouveaux Actes Sémiotiques*, Limoges, 1 abr. 2008. Disponível em: <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=2485>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

_____. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, São Paulo, v.7, n.13, p.13-28, jun. 2007.

_____. *Éléments de grammaire tensiva*. Limoges: PULIM, 2006a. (Nouveaux Actes sémiotiques).

_____. Síntese de gramática tensiva. *Significação*, São Paulo, v.1, n.25, p.163-204, 2006b.

_____. Précis de grammaire tensiva. *Tangence*, Paris, v.1, n.70, p.111-143, 2002.

Recebido em março de 2009.

Aprovado em maio de 2009.